

“A Judia”, de Tomás Ribeiro: um estudo introdutório

“A Judia” by Tomás Ribeiro: an introductory study

Arthur Almeida Passos¹

RESUMO

A presente pesquisa pretende contribuir para a compreensão do poema “A judia”, de Tomás Ribeiro, publicado na segunda metade do século XIX, pertencente à estética do romantismo português e tendo usufruído de grande repercussão no seu tempo. Tal compreensão do poema, fundamentada numa análise relativamente minuciosa do texto, dentro das limitações de um artigo científico, e no diálogo com os referenciais bibliográficos escolhidos, visa fornecer elementos para futuras investigações, sobretudo as que tenham como base o mesmo *corpus* ou com ele se relacionem. Assim, o trabalho aqui feito procura ampliar o conhecimento acerca do poema estudado – que, embora tenha perdido, aparentemente, o prestígio que alcançou na época de sua publicação, ainda traz elementos relevantes para a compreensão do romantismo português e de algumas características do povo judeu, um grupo historicamente marginalizado e oprimido – e estimular novas pesquisas, que, por sua vez, aprofundem a leitura do texto lírico e a apreensão dos aspectos nele contidos, a partir de diferentes perspectivas. Esta pesquisa teve caráter bibliográfico e exploratório e foi dividida, basicamente, em quatro etapas: leitura, pesquisa bibliográfica, análise literária e organização dos dados encontrados no poema. Os resultados alcançados demonstram a riqueza do poema analisado, dada a variedade de elementos textuais nele identificados, e propiciam, efetivamente, fundamentos para novas investigações.

Palavras-chave: Tomás Ribeiro. Romantismo português. História judaica. Judeus em Portugal. Literatura e cultura judaica.

ABSTRACT

This research aims to contribute for the comprehension of the poem “A judia”, by Tomás Ribeiro, published in the second half of the 19th century, belonging to the Portuguese Romanticism's aesthetics, and which had significant repercussion in its time. The understanding of the poem, based on a relatively detailed analysis of the text, observing the limits of a scientific paper, and on the dialogue with the selected bibliographic references, intends to provide elements for future investigations, mainly those which have the same *corpus* as a basis, or are related with it. Therefore, this work seeks to increase the knowledge about the poem – which, although having lost, apparently, its prestige since its first publication, still brings relevant elements for the comprehension of the Portuguese Romanticism and of some of the characteristics of the Jewish people, who are historically marginalized and oppressed – and to stimulate new researches, which, in return, deepen the reading of the lyrical text and the apprehension of its aspects from new perspectives. Thus, this research will have bibliographic and exploratory nature, and will be divided into four steps: reading, bibliographic research, literary analysis, and organization of the features found in the poem. The results which were reached demonstrate the relevance of the poem, considering the variety of the elements identified in it, and propitiate, effectively, foundations for new researches.

Keywords: Tomás Ribeiro. Portuguese Romanticism. Jewish history. Jews in Portugal. Jewish literature and culture.

¹ Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira (Uninter). Licenciado em Letras, com habilitação em Português e Inglês (PUC Minas).

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da presença de elementos textuais em composição poética, a partir da perspectiva analítica, que privilegia o estudo do texto lírico em sua dimensão concreta. Compreende-se que a composição poética, quando submetida à leitura minuciosa e ao cuidado da análise, pode revelar ao leitor ou ouvinte elementos importantes para a elaboração de comentários e para a posterior interpretação do texto. De acordo com Antonio Candido, o poema é constituído concretamente (CANDIDO, 2006, p. 22), ou seja, é um objeto material e, como tal, passível de investigação, e, a partir do estudo cuidadoso de sua composição, alcançam-se o comentário – “espécie de tradução, feita previamente à interpretação, inseparável dela essencialmente, mas teoricamente podendo consistir numa operação separada.” (CANDIDO, 2006, p. 27) – e a interpretação, definida por Emil Staiger como “reprodução e determinação com penetração compreensiva e linguagem adequada à matéria, a estrutura íntima, as normas estruturais peculiares, segundo as quais uma obra literária se processa, se divide e se constitui de novo como unidade.” (STEIGER apud CANDIDO, 2006, p. 28).

Esta investigação pretende identificar, no poema “A judia”, elementos de natureza estética, histórica, política, social, religiosa, cultural, entre outros, que possam ampliar o conhecimento a respeito do texto estudado e servir de subsídios para outras pesquisas, que se valham de perspectivas diversas para aprofundar sua compreensão. Visa identificar, na composição do poema “A judia” (1868), do escritor romântico português Tomás Ribeiro (1831-1901), obra que usufruiu de considerável repercussão no seu tempo, a presença de elementos textuais que favoreçam o conhecimento e a compreensão acerca da referida produção lírica, com base na análise-comentário de sua dimensão material, na utilização de informações extratextuais verificadas na bibliografia selecionada, e na consequente interpretação do texto, e forneçam dados para futuras pesquisas relacionadas com o *corpus* ou nele fundamentadas. Tais elementos textuais são aqui entendidos como aspectos estéticos, históricos, políticos, etnográficos, sociais, religiosos, culturais, literários, entre outros, que de alguma forma se manifestam em “A judia”, e, com isso, auxiliam na construção da análise-comentário sobre o texto proposta por este trabalho, colaborem para sua efetiva interpretação e abram novas perspectivas para o estudo do poema.

Para alcançar o objetivo geral, a pesquisa buscará: a) sintetizar a história da presença judaica em Portugal; b) compreender a relevância da obra de Tomás Ribeiro no contexto da literatura portuguesa; c) avaliar o contexto de produção e publicação do poema “A judia”, de sua autoria; d) reconhecer as especificidades do romantismo português e suas relações com o poema; e) parafrasear o texto lírico, tendo em vista orientar, de forma coerente, sua análise; f) determinar a estrutura do poema, segundo a composição dos versos e das estrofes; g) analisar e comentar a construção textual da referida produção lírica, considerando os diversos aspectos que o compõem e levando em conta a bibliografia utilizada para favorecer a análise do poema; e, por fim, organizar os elementos textuais encontrados na análise realizada, de modo a fornecer perspectivas que incentivem novas produções científicas relacionadas com o *corpus* ou nele fundamentadas.

2 BREVE HISTÓRICO DA PRESENÇA JUDAICA EM PORTUGAL

De acordo com Kayserling (2009, p. 35), a história independente de Portugal como reino começa a partir de 1139. Antes disso, a história do país se confundia com a história da Espanha, uma vez que, até a primeira metade do século XII, o Condado Portucalense era dependente do reino espanhol de Leão. Os judeus já se faziam presentes na região de Portugal nessa época, mas sua história se inscreve na do país, recebendo contornos próprios – especialmente em relação a outros países da Europa –, após este se tornar independente da Espanha.

Em território lusitano, assim como em outros países cristãos, os judeus constituíam um grupo à parte, vivendo rigorosamente separados da comunidade cristã, devido a suas tradições, costumes e religião. Os israelitas, porém, podiam praticar livremente seus hábitos particulares (NOVINSKY, 2009, p. 43), sua organização política e jurídica era prevista no corpo legislativo de Portugal, e a figura do rabi-mor exemplifica como os judeus detinham certos privilégios naqueles primeiros anos de reino independente do país (KAYSERLING, 2009, p. 43-52). Esses privilégios foram verificados também, ainda que em níveis e circunstâncias diferentes, em épocas posteriores no território português, muitas vezes devido aos importantes serviços que os israelitas prestavam ao país, fosse nas mais altas esferas do reino, fosse em situações menos formais (KAYSERLING, 2009, p. 157-162, p. 195-204).

No entanto, os apanágios que os governos portugueses concediam aos judeus foram, ao longo do tempo, sendo cada vez mais criticados pela classe clerical e parte da população civil, influenciada, pelo menos parcialmente, pelo discurso dos cristãos lusitanos (KAYSERLING, 2009, p. 184; NOVINSKY, 2009, p. 184). Isso, em parte, tornou propício o terreno para perseguições sistemáticas aos israelitas, mesmo antes da criação do Tribunal do Santo Ofício na Espanha e em Portugal, sob o argumento de defender e preservar a fé cristã. Os reis de tais países na época não escondiam suas motivações financeiras ao insistirem com os papas do período na introdução da Inquisição em seus respectivos domínios (KAYSERLING, 2009, p. 127-130, p. 244-245). Nesse sentido, em relação à presença dos israelitas, pode-se dividir a história de Portugal – da fundação do país até pouco antes do fim da Inquisição – em três grandes momentos.

O primeiro abrange o reinado de D. Afonso Henriques (1143-1185) e parte do de D. Afonso V (1438-1481), que constituem, em linhas gerais, época de ouro para os judeus do país, quando formavam classe privilegiada, apesar da animosidade alimentada pelo clero e parte da sociedade civil portuguesa (KAYSERLING, p. 36-204, 2009). O segundo momento se estende desde o reinado de D. João II (1481-1495) ao de D. António (1580), tempos de sofrimentos, preconceitos e perseguições, de estabelecimento da Inquisição em Portugal (1536), de conversões forçadas ao cristianismo, de expulsão do país, de exílio em terras hostis e de luta pela sobrevivência, que, quando garantida pelas autoridades da época, era-o de forma precária e com grandes sacrifícios financeiros das elites judaicas (KAYSERLING, 2009, p. 157-322). O terceiro momento perpassa os reinados do espanhol D. Felipe (1581-1598) e de D. João V (1706-1750), período em que os judeus continuavam a ser vítimas de perseguição em Portugal e não encontravam alívio nem por meio de negociações que envolviam grandes somas de dinheiro (KAYSERLING, 2009, p. 322-384).

Ainda no século XVIII, após esses três grandes momentos, parecem os judeus celebrar seus ritos com menos receio (KAYSERLING, 2009, p. 385-386) e, a partir do século XIX, são-lhes restituídos “todos os direitos, liberdades e privilégios que haviam sido concedidos aos judeus pelos antigos reis do país, principalmente por D. João I nos anos de 1392 e 1422”, e garante-se de que desses direitos, liberdades e privilégios qualquer israelita usufruísse em terras de propriedade portuguesa (KAYSERLING, 2009, p. 388-389). As atividades inquisitoriais em Portugal, que começaram

oficialmente durante o reinado de D. João III (1521-1577), perderam fôlego com a ascensão de D. José ao trono português (1750-1777), seguindo tendência iniciada no governo de D. Pedro II (1683-1706), e foram definitivamente suspensas em 1821 (KAYSERLING, 2009, p. 389), apenas quatro anos antes da introdução do romantismo no país.

3 O ROMANTISMO EM PORTUGAL

O romantismo nasce em Portugal num período de lutas e transformações no país, inspiradas originalmente pela Revolução Francesa (1789), que colocou em crise as monarquias absolutistas e abriu espaço para a ascensão do liberalismo e da burguesia, e que culminaram no início da Regeneração (1847), um movimento político de caráter liberalista que visava à restauração política em Portugal. As bases do romantismo lusitano estabeleceram-se no período compreendido entre 1800 e 1825, em meio à diluição da tendência estética anterior, o arcadismo. Mas o novo movimento artístico só pôde ser plenamente apreciado com a paralisação das crises internas que fervilharam no país nas décadas anteriores (MOISÉS, 1992, p. 111-112).

A introdução do romantismo em Portugal é atribuída por Massaud Moisés a Almeida Garrett, com a publicação, em 1825, do poema “Camões”, que, segundo o pesquisador, contém, ao mesmo tempo, “elementos clássicos”, tais como “os decassílabos brancos, o vocabulário, as figuras, a síntese d’Os Lusíadas” (MOISÉS, 1992, p. 112), e aspectos novos, típicos do novo movimento: “subjativismo, culto da saudade, o sabor agri-doce do exílio, a melancolia, a solidão, as ruínas, etc.” (MOISÉS, 1992, p. 113). Em 1823, Garrett, exilado na Inglaterra, toma conhecimento das obras de Byron e Walter Scott e aprofunda-se na dramaturgia shakespeariana, o que parece tê-lo deixado seguro quanto às referidas “novidades românticas” que imprimiu em “Camões” (MOISÉS, 1992, p. 112).

Em se tratando das características que compõem o romantismo, Massaud Moisés afirma ser complexa a tarefa de sistematizá-las, uma vez que o movimento é constituído de contradições e ultrapassa o plano literário. Não obstante, o pesquisador elenca alguns elementos típicos dessa tendência, que estabelece com a burguesia, classe social então emergente, relações ora muito próximas, ora discrepantes, tanto no domínio material como no espiritual (MOISÉS, 1992, p. 116). Entre as características citadas por Moisés,

encontram-se o repúdio aos neoclássicos, a revolta contra as regras, o apreço pela completa liberdade criadora e a defesa da interpenetração dos gêneros literários. Aventura, caos, individualismo e egocentrismo também compõem o quadro próprio do romantismo, em oposição direta aos valores precedentes (MOISÉS, 1992, p. 116-117). O escapismo, que o autor identifica traduzido de modos diversos na chamada “atitude romântica”, é ponto de destaque (MOISÉS, 1992, p. 117-120).

Para Massaud Moisés, a poesia não produziu, a não ser com poucas exceções, obras de relevo no período em que prevalecia o romantismo em Portugal, apesar da tradição do país no gênero (MOISÉS, 1992, p. 13-14) e de muitos autores da época a terem cultivado. Segundo o pesquisador, a poesia atingiu maiores alturas com o ideário seguinte, o realismo, ao passo que o teatro e a prosa ficcional românticos superaram seu correspondente poético. A tal fenômeno, o autor atribui a “persistência do rigorismo clássico, de que raros conseguiram subtrair-se, e, ainda assim, para cair num historicismo convencional e postigo, ou num sentimentalismo individualista e lírico-amoroso de raiz adolescente e confessional.” (MOISÉS, 1992, p. 123-124). Em outras palavras, a poesia portuguesa não pôde realizar, efetiva e completamente, as inovações propostas pelo romantismo. De acordo com Moisés, a respeito das produções do período, há poucas exceções, a exemplo das de Almeida Garrett, Soares de Passos e João de Deus (MOISÉS, 1992, p. 124). Ainda assim, nas primeiras leituras feitas do poema “A judia”, observaram-se diversos elementos textuais que merecem estudo, dadas as possibilidades de pesquisa científica que, à primeira vista, oferecem.

4 TOMÁS RIBEIRO

Tomás António Ribeiro Ferreira, autor do poema a ser analisado neste trabalho, nasceu em Parada da Gonta, em 1831, e morreu em Lisboa, em 1901. Formado em Direito na Universidade de Coimbra, exerceu, além do ofício de escritor, no qual mais se destacou, as funções de deputado, secretário-geral do governo da Índia, ministro de Portugal no Brasil e governador do Porto e de Bragança (MESQUITA, 1958, p. 248). Sua obra poética mais considerada, publicada pela primeira vez em 1862, no período final do romantismo lusitano, intitula-se “D. Jaime, ou a Dominação de Castela”, que mistura os gêneros épico e lírico e chegou a ser comparada ao maior poema da história literária portuguesa, “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, não gozando, porém, do

mesmo prestígio atualmente, ao que parece, e sendo criticada em alguns de seus aspectos, principalmente naqueles que a aproximam da fase ultrarromântica da poesia em Portugal (MESQUITA, 1958, p. 248-249).

Para Massaud Moisés, Tomás Ribeiro encaixa-se no terceiro e último momento do romantismo português e é visto, assim, como uma “figura de transição” (MOISÉS, 1992, p. 151), e não como um ultrarromântico, tal como o considera Mesquita (1958, p. 249), que talvez compreendesse a história do movimento em Portugal de forma diferente. Moisés (1992, p. 151) entende que, na fase final do romantismo lusitano, a partir de 1860, destacam-se tendências diversas, ao contrário do que ocorrera nos dois momentos anteriores, nos quais havia, respectivamente, mais ou menos entre 1825 e 1838, uma corrente romântica que buscava se afirmar, trazendo em si ainda características arcádicas (MOISÉS, 1992, p. 128), e, aproximadamente entre 1838 e 1860, uma tendência mais sólida, reunida em torno de uma mentalidade mais bem definida, a do ultrarromantismo (MOISÉS, 1992, p. 142-144). O pesquisador defende que Ribeiro “mistura a influência de [António de] Castilho com a de Victor Hugo, o que explica o caráter entre passadista e progressista de sua poesia.” (MOISÉS, 1992, p. 151).

5 CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DO POEMA “A JUDIA”

O poema “A judia” veio à luz na antologia “Sons que passam”, de Tomás Ribeiro, em 1868, quando a tendência estética posterior ao romantismo, o realismo, já se havia feito conhecer em Portugal, de acordo com a delimitação histórica proposta por Moisés (1992, p. 157). Apesar disso, a referida composição poética, que, assim como “D. Jaime, ou a Dominação de Castela”, também conjuga características dos gêneros épico e lírico, na medida em que contém aspectos narrativos, históricos e subjetivos, obteve grande reputação em sua época e foi frequentemente recitada em saraus literários (MESQUITA, 1958, p. 248; MOISÉS, 1992, p. 151). Ela também parece fundamentar a mencionada opinião de Moisés a respeito da poesia do autor, a qual apresenta, aos olhos do pesquisador, um “caráter entre passadista e progressista” (MOISÉS, 1992, p. 151), dados os elementos históricos, sociais e políticos que o texto, à primeira vista, contém.

6 O POEMA

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;
a riba silenciosa; a viração subtil;
a lua, em pleno azul, erguia o rosto ameno;
no céu, inteira paz; na terra, pleno Abril.

Tardo rumor longínquo; airoso barco ao largo
bordava áureo listão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial letargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

Ó noites de Lisboa! ó noites de poesia!
auras cheias de aroma! esplêndido luar!
vastos jardins em flor! suavíssima harmonia!
transparente, profundo, infindo, o céu e o mar...

Se a triste da judia ousasse ter desejo
de pátria sobre a terra, aqui prendera o seu:
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu!...

.....
.....
.....

Corria branda noite; imersa em funda mágoa
fui assentar-me triste e só no meu jardim;
ouvi um canto ameno! e um barco ao lume d'água
vogava brandamente. A voz dizia assim:

“ – Dormes? e eu velo, sedutora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme – Impossível – que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalantar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vêm dos céus:
dorme; e não vejas o martírio, as mágoas,
que eu digo às águas e não conto a Deus!

Anjo sem pátria, branca fada errante,
perto ou distante que de mim te vás,
há-de seguir-te uma saudade infinda,
hebreia linda, que dormindo estás.

Onde nasceste? onde brincaste, ó bela,
rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazaré? no Egipto?...

mundo infinito, e tu sem berço?! oh! Sim,

folha que o vento da fortuna impele,
vítima imbele que um tufão roubou!
flor que num vaso se alimenta, cresce,
ri, desaparece, e nunca mais voltou!

Filha de um povo nobre e perseguido,
que ao mundo encobre o seu martírio, e crê:
sempre Asevero a percorrer a esfera!
desgraça austera! inabalável fé!

por que há-de o lume dos teus olhos belos,
mostrar-me anelos de infinito ardor?
por que esta chama a consumir-me o seio?
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, por que anseias tanto?
pranto! meu pranto, basta já, não mais!
é sina, é sina! remador, voltemos;
não na acordemos... para que, meus ais?...

Dorme, que eu velo, sedutora imagem,
grata miragem que no ermo vi:
dorme – Impossível – que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu não volto aqui! –”

Sumiu-se a barca, e eu chorava
debruçada sobre o Tejo;
a aragem trouxe-me um beijo
que nos meus lábios tomei...
ergui-me cheia de afecto;
vi cintilar inda a esteira
da barquinha feiticeira,
e disse às auras: – “Correi!

trazei-mo! quero contar-lhe
o fundo tormento enorme
da judia que não dorme
a penar de ignoto amor!
voai! trazei-me o seu nome,
o seu retrato, o seu canto,
uma baga do seu pranto...
que venha! o meu trovador!...”
Ai, não! que há na minha história
que lhe suavize a tristeza?
Nasci na triste Veneza,
onde perdi minha mãe;
acalentaram-me lágrimas
que derramava a saudade,

na desgraçada cidade
que não tem pátria também.

Cresci; meu pai uma noite
disse-me: – “É já tempo agora;
ergue-te ao romper da aurora,
vamos partir amanhã;
vamos ver as terras santas,
sepulcros de teus monarcas;
a pátria dos patriarcas,
desde o Egipto a Canaã. –”

Fui; corri o mapa imenso
das montanhas da Judeia;
ai, pátria da raça hebreia!
ai, desditosa Sião!
que extensos montes sem relva!
que paragens sem conforto,
onde se estende o mar Morto
e onde serpeia o Jordão!...

Aqui, de Hemor os vestígios;
de Zife, além o deserto;
longe, o Sinai encoberto;
de Horeb o morro, inda além;
deste lado o mar Vermelho;
daquele... nada! uns destroços:
ruínas, campas sem ossos,
e, ao fundo, Jerusalém.

Meu pai chorava, e eu chorava,
vendo morta e sem prestígio,
terra de tanto prodígio,
maldita agora de Deus.
Tudo silencioso, estéril
tudo vastos cemitérios
onde ruínas de impérios
ficaram por mausoléus!

- “Meu pai” – disse eu – “tenho sede”.
– “Vê, filha, a aridez do monte:
só Deus dava ao ermo a fonte
em que bebia Ismael”.
– “Pai, cansei; mostra-me a pátria,
quero dormir sem receio...”
– “Filha, encosta-te ao meu seio,
que não tem pátria Israel”.

.....
.....

.....
.....
.....
.....

Em todo o mundo estrangeira,
toda a vida peregrina!
Vede se há mais triste sina:
ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda de Asevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino,
como Abraão à pobre Agar!

Que pode valer à hebreia
sentir n'alma chama infinda,
como a linda Ester ser linda
e amada como Raquel?
Se o coração da judia
se entreabre do amor aos lumes,
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,
não voltes! tenho receio...
Dizes que há Deus de permeio?
não, blasfemaste; Deus, não.
Pôs o mundo esse *impossível*
entre o desejo e a ventura;
o amor chama-lhe – loucura,
e o preconceito – razão.

Deus é Deus, e um só existe;
cego é o mundo, e vária a crença;
mas esta cúpula imensa
é tecto de todos nós:
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brilhos,
hão-de ser de nossos filhos,
foram de nossos avós.
Mas se a crença nos separa
e o mundo exige o suplício,
dê-se o amor em sacrifício,
deixando o pranto à dor;
eu, cerro o peito à ventura;
tu, esmaga o teu desejo;
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais, trovador!

7 ANÁLISE E COMENTÁRIOS SOBRE O POEMA

O poema representa a difícil relação amorosa – condenada, desde o princípio, ao fracasso – entre um trovador cristão e uma mulher judia, o eu lírico do texto. O pano de fundo principal é o rio Tejo, em Portugal, numa inspiradora noite de primavera. Nesse cenário, repercutem as vozes dos dois amantes, que expõem seus sentimentos de variadas maneiras e apresentam as razões que impedem a realização do amor que nutrem um pelo outro. Os aspectos histórico, político, social, geográfico, religioso e cultural são encenados no texto lírico e trazem elementos que permitem ao poema ultrapassar a mera representação de um caso amoroso tipicamente romântico, a cuja tendência estética pertence o poeta. A condição judaica em Portugal e no mundo ao longo dos séculos, o distanciamento social entre judeus e cristãos na história lusitana e o papel da tradição religiosa na vida individual e coletiva, todos eles presentes no texto, enriquecem as possibilidades de debate sobre o poema, que pode ser lido e compreendido em diferentes perspectivas.

Estruturalmente, o poema pode ser dividido em duas partes. Na primeira, que se estende da primeira à décima quarta estrofes, há quadras, compostas de versos dodecassílabos, rimas alternadas no modelo ABAB e acentuação poética variável. A primeira estrofe do poema pode servir de exemplo de tal estrutura: “Cor-ri-a **bran**-da a **noi**-te; o **Te**-jo e-ra se-**re**-no; / a **ri**-ba si-len-**cio**-sa, a vi-ra-**ção**, sub-**til**; / a **lu**-a, em ple-no a-**zul**, er-**gui**-a o ros-to a-**me**-no; / no **céu**, in-tei-ra **paz**; na **ter**-ra, ple-no A-**bril**.” (RIBEIRO, 1958, p. 250). Na segunda parte, que abrange da décima quinta à vigésima sétima estrofes, há oitavas, estruturadas em redondilha maior, rimas no formato ABBCDEED e acentuação tônica predominante nas posições 2, 4 e 7 do verso, mas também identificada nas posições 3, 5 e 7, ou apenas nas posições 4 e 7. Essa estrutura pode ser exemplificada com a primeira oitava que aparece no poema: “Su-**miu**-se a **bar**-ca, e eu cho-**ra**-va / de-bru-**ça**-da so-bre o **Te**-jo; / a **aragem trouxe**-me um **beijo** / que nos meus **lábios tomei**... / **ergui**-me **cheia** de **afecto**; / vi **cintilar** inda a **esteira** / da **barquinha feiticeira**, / e **disse** às **auras**: ‘Correi!’” (RIBEIRO, 1958, p. 252).

Tal divisão do poema em duas partes é oportuna para fins de análise, especialmente devido a dois motivos. O primeiro é que tal divisão favorece o estudo do texto dentro das limitações de um artigo científico, que, por sua extensão, exige um trabalho analítico menos exaustivo e, de certa forma, mais denso, na tentativa de levar

em consideração, ainda que resumidamente, o maior número possível de informações relevantes constantes no poema. O segundo motivo é que a referida divisão propicia a identificação de efeitos de sentido diversos, que, num exercício de análise compartimentado, feito estrofe por estrofe, podem escapar à leitura do pesquisador. A segunda razão torna-se particularmente importante ao se considerar que a extensão do poema, composto por 27 estrofes e dois intervalos, é relativamente longa, o que inviabiliza uma análise estritamente minuciosa do texto.

Nesse sentido, vale apontar, desde já, que a presença de dois tipos de estrofe no poema, resultando em duas partes estruturalmente diversas entre si, e as diferentes localizações das sílabas tônicas nos versos da segunda parte parecem, a princípio, ilustrar as mudanças da situação dos judeus em Portugal, desde a fundação do país, no século XI, até a dissolução da Inquisição em solo lusitano, no século XIX, conforme mostra Kayserling (2009). Consequentemente, a judia do texto de Tomás Ribeiro também se vê submetida às circunstâncias enfrentadas pelos seus no passado e no presente mais ou menos próximo, de acordo com o que se lê no poema. A instabilidade ilustrada pela alternância entre os tipos de estrofe e entre sílabas tônicas é, assim, elemento importante para a compreensão do poema, embora, provavelmente, não resuma sua análise. Mesmo assim, também cabe dizer, aqui, que a referida ausência de estabilidade parece marcar a própria relação entre o trovador cristão e a mulher judia, na medida em que tal relação, conforme se verificará, assenta-se sobre terreno frágil, caracterizado, no plano concreto, por dificuldades de ordem política e religiosa.

7.1 Análise da primeira parte do poema: estrofes I a XIV

Na primeira parte do poema, que compreende da primeira à décima quarta estrofes (RIBEIRO, 1958, p. 250-252), vários elementos podem ser destacados. O eu lírico do poema, uma mulher judia, parece bem ilustrar a instabilidade já mencionada pelo pesquisador. Seu tom de voz, por exemplo, modifica-se ao longo de toda a primeira parte do texto, transitando pela tranquilidade, pela exaltação e pela melancolia. Sua relação, igualmente cambiante, com o ambiente que a cerca é ora impessoal, marcada pela descrição objetiva da paisagem, ora pessoal, caracterizada pela exaltação na apresentação subjetiva da mesma paisagem, e parece obedecer a inquietações que tomam conta de seu espírito. O leitor/ouvinte se vê desnortado com tais alternâncias de

disposição, oriundas, aparentemente, da sensação de desarraigamento experimentada pela judia, que, mesmo sugerindo simpatizar com Portugal e alimentar expectativas relacionadas ao país, apresenta-se triste por saber que não se trata, de fato, de seu verdadeiro lar (RIBEIRO, 1958, p. 250-251).

Da sexta à décima quarta estrofes, após um intervalo, surge e domina inteiramente a voz do trovador, que vagueia num barco sobre o rio Tejo. Sua presença parece corresponder a uma das expectativas do eu lírico, citadas na quarta estrofe do poema (RIBEIRO, 1958, p. 251). No entanto, considerando-se as palavras e expressões que o poeta utiliza para caracterizar a judia, esta é vista como alguém distante, quase irreal. Ele também a observa como inocente, pura e casta, de forma tipicamente romântica, e como necessariamente ligada ao destino de seu povo. Tanto o bardo como a judia apresentam-se como sujeitos apaixonados e sonhadores, e um dos produtos dessas características, o sonho, reforça diversas relações semânticas marcantes das duas vozes principais inscritas no poema: ilusão, alheamento, imagem, miragem, fantasia, impossibilidade. Tais elementos, considerados característicos do romantismo (MOISÉS, 1992, p. 117), dão indícios de uma relação irrealizável entre a judia e o trovador.

Vale dizer também que o poeta chama a judia de “anjo sem pátria” e “branca fada errante” (RIBEIRO, 1958, p. 251), o que evidencia que ele a percebe tanto no plano amoroso como no político e que, em sua perspectiva, ambos se misturam e se confundem. Tais características são endossadas com o pressentimento do trovador de que a judia partirá de Portugal a qualquer momento. Ainda nesse sentido, o poeta compara a extensão do mundo com a ausência de território próprio sofrida pelos judeus e, de diversas formas, inclusive com metáforas ricas do ponto de vista semântico, questiona a condição política do povo de Israel no contexto de produção e publicação do poema. O trovador parece ter os judeus, e não apenas a amada judia, em alta conta e estar disposto a defendê-los, uma vez que, de forma expressa, considera-os perseguidos (RIBEIRO, 1958, p. 252).

Para concluir a análise da primeira parte do texto, cabe salientar que a figura divina também é colocada pelo trovador como obstáculo na concretização do amor entre ele e a judia, seja na forma da tradição que proíbe aos judeus relações mais íntimas com gentios (DEUTERONÔMIO, 2001, p. 526; MAIMÔNIDES, 2014, p. 202-203) – o poeta é cristão, conforme se perceberá mais tarde –, seja no que tange à inexorabilidade do destino, controlado por tal figura. Aqui, portanto, somam-se às questões políticas os

aspectos culturais e imponderáveis que se colocam entre o trovador e a judia. Nesse sentido, a décima quarta estrofe, a última da primeira parte do poema, reitera a impossibilidade de tal relacionamento, levando-se em conta os elementos até aqui mencionados, e marca a partida explícita da voz do trovador.

7.2 Análise da segunda parte do poema: estrofes XV a XXVII

Na segunda parte do poema (RIBEIRO, 1958, p. 252-256), o eu lírico assume novamente a posição de fala do poema, e o tom de que se vale mantém-se instável, ora mais corajoso e animado, ora mais triste e melancólico. O beijo que a judia diz ter vindo de longe com a brisa, tendo como origem o trovador, parece alterar positivamente sua disposição, ao passo que a recordação de seu passado, o qual ela pretende relatar ao poeta, inverte seu humor (RIBEIRO, 1958, p. 252-253). Nesse sentido, o eu lírico reforça a ideia da instabilidade que perpassa o poema, pois, ao modificar-se sua disposição ao sabor do que lhe sucede, ilustra-se a sujeição do povo judeu às vicissitudes externas, principalmente as de natureza política, conforme apontadas por Kayserling (2009).

Ao iniciar a narrativa de sua história pregressa, a judia lança mão de palavras e expressões que dialogam com o sentimento de tristeza: “triste”, “perdi minha mãe”, “lágrimas”, “saudade”, “desgraçada cidade / que não tem pátria também.” (RIBEIRO, 1958, p. 253). De forma significativa, o nome de sua cidade natal, Veneza, rima com a palavra “tristeza”. O local também é visto pela israelita como apátrida, assim como ela mesma se vê. Além disso, constitui, de um lado, seu local de nascimento e, de outro, onde a mãe morreu. Assim, a tristeza que a judia sente é, pelo menos em parte, resultado da ausência de uma referência original significativa, uma vez que Veneza não tem relação direta com seu povo, está conectada à perda da origem materna e não lhe inspira boas recordações.

A partir da décima oitava estrofe, a judia relata a viagem que fez com o pai à terra de seus antepassados. Ela lamenta a atual situação dos territórios que marcaram a história de seu povo, não se sentindo à vontade ali, como não se tratasse (mais) de um lar. Há um contraste interessante entre passado e presente, mediado pelas palavras “prestígio”, “prodígio” e “impérios”, de um lado, e, de outro, “estéril”, “cemitérios” e “mausoléus” (RIBEIRO, 1958, p. 254). A história gloriosa é substituída pela aridez do

presente, que causa choro a pai e filha. O aspecto religioso reaparece no mesmo sentido, na medida em que contrapõe o atual estado do antigo Israel, aparentemente provocado pelo próprio Deus, e a referência aos milagres ali operados em tempos remotos, tradicionalmente atribuídos à mesma figura divina (DEUTERONÔMIO, 2001, p. 599-601). Recrudesce o sentimento de alienação, pois a alternativa histórica de se abraçar um lar significativo é, em princípio, posta por terra, uma vez que não há nada naquelas ruínas que convençam a mulher de que o antigo Israel pode ser, efetivamente, um lar seu.

No pungente diálogo que se desenrola entre a judia e seu pai, ainda quando da viagem narrada, a jovem diz ter sede, e o pai responde-lhe indiretamente, não oferecendo soluções imediatas para o problema que ela lhe apresenta. Ele, então, reforça a secura do lugar e, em referência à história de Agar e Ismael (GÊNESIS, 2001, p. 52-53), sugere a necessidade de um milagre para saciar tal sede. Não se trata, porém, de sede por água, mas por pátria, como parece se indicar na vigésima segunda estrofe. O significado da palavra “dormir”, utilizada várias vezes no poema, parece ser desvelado com mais clareza: tem a ver com sentir-se em casa, numa pátria particular. Nesse sentido, o texto encena a situação não somente política, mas também psicológica do povo judeu, e o pai, que tem consciência de tal circunstância, oferece-se como consolo à filha: “– Filha, encosta-te ao meu seio, / que não tem pátria Israel.” (RIBEIRO, 1958, p. 254).

A judia reconhece seu alheamento no mundo, uma vez que, independentemente de onde esteja e em que período da vida se encontre, é “estrangeira” e “peregrina”, e vê em tal situação um paradoxo: “ser rica e não ter um lar!” (RIBEIRO, 1958, p. 255). Mesmo afirmando dispor de boas condições financeiras, tal como alguns de seus correligionários portugueses ao longo da história, é-lhe vedada à oportunidade de ter um lar, seja a Terra Prometida, seja Veneza, seja mesmo Portugal. A judia então recorre, mais uma vez, à tradição e à religião para tentar explicar o referido destino, mencionando de novo o nome de Asevero e a Providência Divina. O imponderável destino também reaparece, e a judia reivindica nova passagem bíblica – segundo a qual Sara, a primeira matriarca do povo judeu, solicita ao marido a expulsão de sua concubina (GÊNESIS, 2001, p. 51-52) – para fundamentar sua perspectiva: “sempre a expulsar-me o destino, / como Abraão à pobre Agar!” (RIBEIRO, 1958, p. 255).

A judia volta a lamentar seu destino, porém, numa perspectiva mais individual do que coletiva, uma vez que impede a realização do amor entre ela e o trovador. A israelita indica que é capaz de amar, mas culpa as sortes pela não concretização do desejo. Embora o lamento da judia seja, efetivamente, de caráter particular, pois a não concretização do amor com o bardo tem a ver com sua história própria, não parece possível desconsiderar a dimensão coletiva de tal atitude, porque é a situação mesma dos judeus no mundo que se reflete em sua trajetória pessoal, sendo impossível se desvencilhar dela. Ilustrando a necessária ligação entre os destinos particular e coletivo, a israelita, novamente, lança mão de referenciais judaicos para dar sentido à sua atual situação: “Que pode valer à hebréia / sentir n'alma chama infinda, / como a linda Ester ser linda / e amada como Raquel?” (RIBEIRO, 1958, p. 255). Ela endossa a precariedade das relações políticas, que suplantam mesmo a beleza de uma Ester – que, de acordo com a narrativa bíblica, conquistou as graças do rei Assuero e ajudou a salvar o povo judeu da trama de Haman (ESTER, 2001) – e o amor experimentado pela matriarca Raquel (GÊNESIS, 2001, p. 82).

Ao dirigir-se a judia mais diretamente ao “trovador nazareno”, fica evidente a religião do bardo, a qual se constitui, do ponto de vista político e religioso, como empecilho para a concretização do amor entre a israelita e o poeta. A mulher expressa inquietação na medida em que pressente a frustração a ser trazida pelo destino e rebate o trovador, que responsabiliza a Deus pela não realização do amor entre ambos. Para a judia, as palavras do poeta são blasfemas, e ela culpa o “mundo” pelo obstáculo – o “impossível” – posto entre os dois, entre “o desejo e a ventura”. O amor, de um lado, considera tal empecilho “loucura”, e, de outro, o preconceito trata-o como “razão” (RIBEIRO, 1958, p. 255). Há, assim, uma crítica à tradição judaica, que proíbe expressamente tal relação, e, provavelmente, à política portuguesa, que, não raras vezes, buscou impedir o menor contato entre judeus e cristãos (KAYSERLING, 2009).

Na penúltima estrofe do poema, a judia assume um tom filosófico-religioso, aproximando as religiões judaica e cristã ao apresentar o que ambas têm em comum. O eu lírico parece, de um lado, criticar os religiosos que não veem tais pontos compartilhados e, com isso, dificultam o contato entre os fiéis de ambas as crenças e, de outro lado, afirmar a existência da pluralidade religiosa no mundo, a qual torna difícil – se não impossível – a separação estrita entre os grupos religiosos. A judia também diz que, apesar das diferenças religiosas, o mundo não pertence a apenas um grupo, mas a

todos eles, sem distinção, e o “tecto” sob o qual judeus e cristãos se encontram, o “ambiente” que eles respiram e o sol e a lua que os iluminam não são usufruídos apenas pela sua geração, mas foram aproveitados pelos seus antepassados e se estenderão a seus descendentes (RIBEIRO, 1958, p. 255).

Finalizando a última parte e, por conseguinte, o poema, a judia, apesar dos argumentos introduzidos na estrofe anterior, parece resignar-se ao destino que supostamente a espera. Ela volta a mencionar a religião como fator que a separa do trovador e as imposições de natureza social e política dela decorrentes. Tendo consciência de sua sorte, isto é, da impossibilidade de concretizar o amor junto ao poeta, a israelita admite sacrificar o que sente e suportar o sofrimento que daí resulta. Mesmo contrariada, a judia abre mão da felicidade e pede ao trovador que faça o mesmo. Ela também garante que não voltará para perto do rio Tejo, lugar de encontro, ainda que distante, de ambos, e solicita ao poeta que a acompanhe nessa decisão, ilustrando, de modo eloquente, a impossibilidade da relação (RIBEIRO, 1958, p. 256).

8 METODOLOGIA

O trabalho aqui realizado pautou-se, após a leitura e os primeiros exames sobre o poema, pela pesquisa bibliográfica. Segundo Fonseca apud Silveira e Córdova (2009, p. 37), tal procedimento se realiza “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.”. Desse modo, na primeira parte da investigação, buscaram-se obras, tanto impressas como digitais, que pudessem dialogar, de alguma forma, com o *corpus* escolhido, tendo em vista ampliar a compreensão do poema selecionado para análise. Deu-se preferência aos textos teóricos que obtiveram relevante repercussão no meio acadêmico, segundo suas especificidades.

Ainda de acordo com Fonseca apud Silveira e Córdova (2009, p. 37), “qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.”. Nesse sentido, poucas publicações que continham importantes considerações acerca do *corpus* selecionado foram encontradas. Na verdade, todas as informações relativas ao poema aqui estudado foram extraídas de breves notas biográficas acerca do autor do texto, em Mesquita (1958) e Moisés (1992). Por outro lado, obras relevantes a respeito do romantismo português, da condição

histórica dos judeus em terras lusitanas, da cultura e tradição judaicas e de estratégias de análise literária foram facilmente identificadas e se mostraram suficientes para a fundamentação teórica deste artigo.

A presente investigação também pode ser relacionada à pesquisa de caráter exploratório. De acordo com Gil apud Silveira e Córdova (2009, p. 35), ela “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”. Embora a pesquisa bibliográfica seja considerada uma ramificação da pesquisa exploratória, conforme afirma Gil apud Silveira e Córdova (2009, p. 35), vale destacar que este artigo buscou ir, sobretudo, ao encontro da definição da segunda, uma vez que o principal objetivo deste trabalho era identificar elementos textuais no *corpus* aqui examinado que pudessem servir de objeto para investigações futuras.

9 CONCLUSÕES

De acordo com a análise feita do poema, sustentada pela leitura relativamente minuciosa do texto, pelo estabelecimento de relações dentro de sua composição e pelas informações extratextuais trazidas pela bibliografia selecionada, pode-se dizer que o poema “A judia”, de Tomás Ribeiro, é fundado sobre a temática do amor impossível, recorrente na estética romântica, implicando, em linhas gerais, melancolia, sofrimento e desespero, aspectos levados ao extremo a partir da segunda fase do movimento em Portugal (MOISÉS, 1992, p. 143). Tais aspectos, no entanto, não são resultado de uma disposição unicamente psicológica da judia e do trovador, os amantes frustrados do poema de Tomás Ribeiro, mas se devem, principalmente, às condições históricas a que ambos estão sujeitos. Daí a importância de se compreender os elementos textuais presentes no texto, os quais dialogam, especialmente, com a estética romântica, com o percurso histórico dos judeus em Portugal e com as tradições judaicas.

A consciência da impossibilidade da realização do amor entre a judia e o cristão é a consciência do pertencimento a grupos sociais e religiosos distintos, impedidos de se relacionarem plenamente devido a questões institucionais e culturais, e da própria condição política dos judeus em Portugal e no mundo, os quais, sem pátria definida, são constantemente forçados ao exílio, fugindo, sobretudo, de perseguições políticas e religiosas (KAYSERLING, 2009). Nesse sentido, “A judia”, ao encenar a

impossibilidade da concretização do amor, temática central para esta compreensão do texto lírico, critica as razões de tal situação, evidenciando mesmo as preocupações de cunho progressista do poeta, inserido num movimento estético que busca conjugar a arte com a vida (MOISÉS, 1992, p. 118). Assim, Tomás Ribeiro não parece representar, no poema analisado, apenas um típico caso amoroso romântico, cercado de dificuldades e quase sempre fadado ao fracasso, mas se valer de tal representação para questionar a ordem das coisas, responsável, pelo menos em parte, pelos sentimentos negativos encenados em seu texto.

Tal questionamento é construído, em “A judia”, a partir dos diversos elementos textuais nele presentes e de seu cotejamento com a bibliografia consultada. A crítica do poeta é fundamentada, textualmente, em elementos românticos, como: a) a caracterização estética dos sentimentos do trovador e da judia e de sua atitude diante da sociedade; b) históricos, como a descrição da Terra Prometida em momentos históricos distintos; c) políticos, como a condição apátrida dos judeus durante longo período da história, a qual os sujeita, de alguma forma, ao poder instituído nos países em que são minoria, como em Portugal; d) etnográficos, como certa representação dos judeus inscrita no texto; e) sociais, como a separação entre judeus e cristãos, promovidas institucionalmente no curso da história portuguesa; f) filosófico-religiosos, como o diálogo entre os amantes a respeito das razões que os distanciam um do outro; g) tradicionais, como a norma judaica ortodoxa que proíbe o casamento de um judeu com um gentio; h) literários, como a menção de personagens que indicam a presença de narrativas bíblicas no poema.

Esses elementos textuais, identificados em “A judia” por meio de análise literária, são ricos do ponto de vista científico. Primeiro, porque fornecem subsídios para a elaboração de comentários pertinentes sobre o poema, esclarecendo pontos relevantes nele verificados, e, conseqüentemente, auxiliam na interpretação do texto, a qual serve para reorganizá-lo de modo diverso, “com penetração compreensiva e linguagem adequada à matéria” (STAIGER apud CANDIDO, 2006, p. 18), e enriquecer, em alguma medida, o entendimento da obra por outros leitores. Em segundo lugar, e como conseqüência do primeiro motivo, tais elementos, quando postos em diálogo com referências extratextuais, podem estimular e fundamentar novas pesquisas, aprofundando a compreensão do poema analisado, com base em aportes teóricos diversos e a partir de perspectivas mais específicas.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **Estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- DEUTERONÔMIO. In: **Torá: a Lei de Moisés**. Tradução, explicações e comentários: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001.
- ESTER. In: **Torá: a Lei de Moisés**. Tradução, explicações e comentários: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001.
- GÊNESIS. In: **Torá: a Lei de Moisés**. Tradução, explicações e comentários: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001.
- ISAÍAS. In: **Bíblia hebraica**. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer, 2006.
- KAYSERLING, Meyer. **História dos judeus em Portugal**. Tradução: Gabriele Borchardt Corrêa da Silva; Anita Waingort Novinsky. Introdução e notas: Anita Waingort Novinsky. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Perspectivas).
- MAIMÔNIDES. **Sêfer Hamitsvót do Rambam**. Tradução: Avraham Tsvi Beuthner. Rio de Janeiro: Beith Lubavitch, 2014.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- NOVINSKY, Anita. In: KAYSERLING, Meyer. **História dos judeus em Portugal**. Tradução: Gabriele Borchardt Corrêa da Silva; Anita Waingort Novinsky. Introdução e notas: Anita Waingort Novinsky. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Perspectivas).
- NÚMEROS. In: **Torá: a Lei de Moisés**. Tradução, explicações e comentários: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001.
- RIBEIRO, Tomás. A judia. In: MESQUITA, Ary de (Org.). **Poesia**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1958. vol. 2. (Clássicos Jackson).
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.